

## **CINE ITINERANTE E O DEBATE DA DIVERSIDADE SEXUAL NO ESPAÇO ESCOLAR: UMA ANÁLISE CENTRADA NA EXIBIÇÃO DO CURTA METRAGEM “EU NÃO QUERO VOLTAR SOZINHO”**

José Kasio Barbosa da Silva – Autor (1); Marcos Andrade Alves dos Santos – Co-autor (1); Daniele Gruska Benevides Prata – Co-autor (2); José Alex Soares Santos - Orientador (3)

*1 – Universidade Estadual do Ceará – UECE, [jose.kasio@aluno.uece.br](mailto:jose.kasio@aluno.uece.br); 1 – Universidade Estadual do Ceará – UECE, [marcos.andrade@aluno.uece.br](mailto:marcos.andrade@aluno.uece.br); 2 Complexo Hospitalar Universidade Federal do Ceará – UFC - Hospital Universitário Walter Cantídio – HUWC, [daniele.gruska@uece.br](mailto:daniele.gruska@uece.br); 3 – Universidade Estadual do Ceará – UECE, [jose.santos@uece.br](mailto:jose.santos@uece.br)*

### **Resumo**

As experiências de experimentação da sexualidade podem ou não se ajustar ao regime social normalizador e disciplinar. Assim, debater a diversidade sexual no espaço escolar, ainda é um desafio, pois a escola como instituição que contribui na produção de normas e preconceitos socioculturais é um espaço que rege de forma sutil ou explícita a forma como os sujeitos atuam no ambiente escolar. Para fazermos a discussão sobre o tema no contexto da escola, realizamos sua exibição em uma escola do Ensino Médio para percebermos e analisarmos através de seus discursos como os estudantes dessa instituição interagem com a perspectiva da diversidade sexual, bem como as descobertas da identidade sexual. Utilizamos a pesquisa bibliográfica, com sua vasta literatura sobre a temática, com a realização de uma pesquisa de campo qualitativa, desenvolvendo um estudo de caso através de entrevistas focalizadas. Os sujeitos da pesquisa apontam, o reconhecimento de que existem vários tipos de preconceito: o preconceito em relação aos cegos e em relação à identidade gay; tratando-se do *Bullying*, estes apresentaram uma compreensão específica relacionando o preconceito contra os homossexuais à Homofobia; e a prática cotidiana da escola, a sociabilidade destes se dá de acordo com as alianças e relações de pertencimento que constroem entre si e não pelas imposições do mestre. Esta pesquisa, em um determinado contexto específico, analisa os discursos dos alunos após a exibição do curta, que trazem através de suas falas experiências, vivências de formação sobre o tema e também mecanismos reiterados da construção de preconceitos.

**Palavras-chave** – Cine Itinerante, Diversidade Sexual, Escola.

### **INTRODUÇÃO**

Debater a diversidade sexual no espaço escolar, ainda é um desafio, pois a escola como instituição que contribui na produção de normas e preconceitos socioculturais é um espaço que rege de forma sutil ou explícita a forma como os sujeitos atuam no ambiente escolar e em sociedade.

Nesse viés, o tema da sexualidade, por sua vez, não é diferente, sobretudo para aqueles que são oprimidos pela cultura da heteronormatividade. Tais sujeitos são invisibilizados e sobre os mesmos recai a perspectiva conservadora e preconceituosa de que necessitam ser, a qualquer custo, “consertados” e/ou “curados”. Com essa lógica a escola assume uma função reprodutivista dos padrões sociais impostos pelo conservadorismo não apresentando as diversas possibilidades em que a sexualidade humana pode se expressar e ser vivida, principalmente entre os estudantes experimentam uma fase da existência de muitas descobertas.

Nesse sentido a abordagem da diversidade sexual na adolescência terá como ponto de partida a exibição do curta metragem “Eu não quero voltar sozinho”, dirigido por Daniel Ribeiro e lançado no Brasil, em 2010. Destaca, ainda, a sensibilidade do diretor ao tratar do tema com uma delicadeza pedagógica surpreendente, ao apresentar como ambiente desencadeador as relações e os laços de amizade que tem início no espaço de sala de aula, mas que extrapolam os limites da escola.

A escolha do tema e do curta metragem ocorreu por considerarmos de fundamental importância discutir a sexualidade como construção social, que constantemente podemos vivê-la e vivenciá-la das mais diferentes formas, além da utilização do arsenal de produção científica que existe sobre a temática. Outra motivação corresponde a atuação do autor, no projeto de extensão universitária Cine Itinerante - leitura de mundo por meio do cinema, projeto este que promoveu a exibição da narrativa fílmica “Eu não quero voltar sozinho”, em um bar alternativo na cidade de Itapipoca, tendo como parte de seu público jovens LGBTs. Nesse espaço, existe uma proposta dos seus proprietários, denominada “papo de boteco”, às quintas-feiras com convidados que possam mediar discussões sobre temas que envolva a cultura e as opressões.

A partir dessa experiência inicial, para fazermos a discussão sobre o tema no contexto da escola, realizamos sua exibição em uma escola do ensino médio para percebermos mais de perto como os estudantes dessa instituição interagem com a perspectiva da diversidade sexual. Dessa maneira, o presente trabalho centrou-se na análise do discurso de estudantes de Ensino Médio da Zona Rural, município de Trairí, sobre a questão da diversidade sexual, após a exibição e discussão do Curta Metragem “Eu Não Quero Voltar Sozinho”.

A relevância do tema se sobressai por percebermos que estamos situados historicamente em uma sociedade que oprime e exclui a partir de padrões conservadores, a qual impede a vivência

e experimentação das sexualidades de forma que os sujeitos são vigiados com o olhar panóptico e punitivo da heteronormatividade. Deste modo, dar visibilidade e tornar o debate cada vez mais presente no espaço escolar, reiterar a importância da equidade entre as sexualidades e conscientizar que cada sujeito possa viver a sua sexualidade a partir da opção que considera mais adequada é fundamental para romper com o olhar punitivo da sociedade, o qual interfere na vivência dos desejos subjetivos e coletivos desses sujeitos.

## **1 Cine Itinerante: leitura do mundo por meio do cinema**

O projeto de extensão universitário Cine Itinerante: leitura do mundo por meio do cinema, tem por objetivo principal promover a exibição/apresentação de filmes e/ou documentários seguido de diálogo sobre seu conteúdo nas comunidades, instituições sindicais, escolas, assentamentos, universidade, com abordagem focada na cultura popular, na crise do trabalho e na problemática social contemporânea que afeta diretamente a vida humana, como forma de fomentar uma leitura de mundo crítica, transformadora e de emancipação dos grupos sociais marginalizados pelas contradições do capital, as quais marcam a materialidade das relações sociais e dos dilemas vividos no plano da subjetividade, além de contribuir com a formação de ricas individualidades e coletividades fomentando o prazer e o gosto estético pelo cinema e demais artes, bem como possibilitar pela linguagem do cinema um diálogo problematizador e transformador das situações cotidianas opressoras vivenciadas por cada grupo, movimento ou comunidade. (PROJETO DE EXTENSÃO – CINE ITINERANTE, 2010).

Assim, o Cine Itinerante tem uma grande relevância na formação crítica e de reflexões sobre as temáticas sociais, como por interposição da problematização de temas que podem ser debatidas e construídas alternativas positivas contrárias à segregação hegemônica do status quo; a apropriação crítica – e compreensiva – que o filme permite, por um lado, a inquietação da forma e do sentido da obra fílmica em questão. Por outro lado, pode contribuir significativamente para o desenvolvimento do complexo teórico-categorial utilizado pelo sujeito receptor habilitado; promovendo, assim, o conhecimento acerca dos dilemas sociais e os conflitos por estes gerados, bem como a possibilidade de resgate da identidade dos povos quilombolas, indígenas, do movimento LGBTT, sindical, estudantil e também docente.

As temáticas das exhibições de filmes do projeto estão próximas das vivências do cotidiano que o público que atendemos vive, seja este de estudantes e professores universitários ou da

educação básica, trabalhadores de cidades interioranas ou das grandes metrópoles, sindicalistas, militantes de movimentos sociais - diversidade sexual, artistas, MST, quilombolas, indígenas, movimento de juventude entre outros. Sendo assim, partindo de diálogo após a exibição, no intuito de discutir/problematizar, portanto é ressignificar o que foi assistido e o que foi pensado anteriormente da exibição, é a partir da discussão na coletividade que podemos pensar numa práxis mais assertiva e, conseqüentemente, na formação de um senso crítico na arte cinematográfica.

## **2. Diversidade sexual na escola: Pluralidades subjetivas**

A função realizada pela escola na sociedade comporta um antagonismo. Embora seja um ambiente de produção de saberes para formação cidadã humana, atuando na socialização de subjetividades e de conhecimentos, historicamente também se constitui como ambiente que produz preconceitos através da supressão ou eliminação das diferenças. Deste modo, a escola cultiva mecanismos que regulam e normalizam o comportamento do outro, suprimindo sua capacidade de pensar e de fazer política, excluindo uma pauta de ensino plural do debate sobre diversidade, como meio de tornar o ambiente mais democrático (JUNQUEIRA, 2009). Diversidade esta que, quando ao se mostrar incompatível à norma, é posta à margem e negada, conseqüentemente, sua recusa é a afirmação do lugar de normalidade, para sermos mais precisos, da sexualidade hegemônica e “normal”, a heterossexualidade.

Junqueira (2009) discute que ao se tratar de “educação na diversidade” se põe em ação o desafio de incluir plenamente o “outro” como uma forma de seguridade ao seu pertencimento – inclusão – a todos os ambientes sociais sem inferiorizá-lo. Incluir o outro implica em considerar sua experiência como legítima e não exótica ou anormal. Para tanto é indispensável reinventar a escola e suas pedagogias, entendendo que esta é fortemente influenciada pela ordem hegemônica que nega a pluralidade de gêneros, raças, sexualidades, classes que compõem o ambiente escolar, construindo uma matriz curricular excludente. Como salienta Junqueira (2009) é necessário a construção da “unidade na diversidade”. Em outras palavras, a escola carece de investimento no pluralismo, no reconhecimento da legitimidade da diversidade e na pluralidade de modos de ser que o ambiente escolar contém.

As políticas públicas, dentro da perspectiva democrática, são construídas através de 2 meios: representação (legisladores eleitos pelo voto) e pela participação popular nas deliberações (movimentos sociais, organizações da sociedade civil etc). Essa participação é um meio de quem não tem representação (porque não consegue eleger um político que defenda integralmente seus

direitos), ser ouvido e, desta forma participar da construção das políticas públicas, sejam elas em qualquer esfera de atuação que caiba a participação popular. Desse modo, a construção da educação democrática, a valorização da diversidade recupera a promoção da equidade e da participação de todos os sujeitos de forma igualitária com acesso as mesmas oportunidades e possibilidades, aos mesmos direitos e espaços sociais. Assim, ainda segundo Junqueira (2009. p, 412) “A unidade na diversidade, então, seria buscada por meio de um empenho político-pedagógico que implicaria o diálogo e o mútuo reconhecimento.”

### **3. Sexualidade(s): homossexualidade e identidade sexual**

A adolescência é uma das fases do desenvolvimento humano, que ocorre após a infância e oferece suporte para a idade adulta. As transformações físicas e psíquicas, associadas as experiências sexuais possibilitam a descoberta da sexualidade e das relações entre prazer e desprazer, através da metacognição e da autorreflexão, fenômenos esses que permitem a observância do seu lugar no mundo e das semelhanças e afastamentos com sujeitos que podem ser seus pares.

As experiências de experimentação da sexualidade podem ou não se ajustar ao regime social normalizador e disciplinar. As experiências que se aproximam das noções centrais instituídas – as heteronormativas – sob certas condições são aceitas, legitimadas e reconhecidas por um conjunto de valores heteronormativos que impedem a vivência de outra sexualidade divergente da centralizada. Encontramos em Prado e Machado (2012) que as experiências não heterossexuais serão marcadas socialmente e para elas serão construídas um conjunto de tecnologias para corrigi-las.

A escola, conforme Louro (1997) entende de “diferenças”, “desigualdades” e também de “distinções”, pois como qualquer outra instituição social, fabrica esses elementos constituintes das subjetividades. Delimitando e modelando diariamente os corpos, os comportamentos dos sujeitos, suprimindo a existência de qualquer outro comportamento “antinatural” que não pertença à ordem heteronormativa. Portanto, a escola como um dos espaços da produção do conhecimento, limita-se, em relação à sexualidade, ao lugar do “desconhecimento” e também da “ignorância” (Louro, 2000).

Ainda de acordo com Louro (2000) “A evidência da sexualidade na mídia, nas roupas, nos shopping-centers, nas músicas, nos programas de TV e em outras múltiplas situações experimentadas pelas crianças e adolescentes, vem alimentando o que alguns chamam de "pânico moral" [...]” Pânico porque, cada vez mais cedo crianças e adolescentes estão envolvidas em espaços que problematizam e discutem essas questões, produzindo conhecimentos, ainda que de

forma indireta ou quase inconsciente. Assim, a vigilância desses sujeitos se “redobra” sobre a sexualidade. No entanto, o vigiar nem sempre é absoluto, pois a curiosidade e o interesse são capazes de romper algumas das partes da invisibilidade negadas pela moral.

A sexualidade está implicada em marcadores sociais, como as de identidade de raça, gênero, classe, etnia, que se modificam de acordo com a maneira de vivenciar a identidade sexual que se constrói na sexualidade. Assim, a vida de um homossexual branco da classe burguesa é bastante antagônica em relação a alguns aspectos da vida de um homossexual negro e pobre de uma zona periférica, por exemplo. Na descoberta da identidade sexual na adolescência, há a importância de que o ambiente escolar tem de formar alunos que compreendam seu gênero, sua sexualidade – partindo dos pressupostos não binários – pois como uma produtora do conhecimento, a escola também é uma formadora de seres humanos, nesse sentido ela não deve se abster da luta pela equidade da diversidade, consequentemente, das sexualidades. Formando sujeitos capazes de aceitar o outro na sua individualidade.

## **METODOLOGIA**

Inicialmente, a abordagem metodológica usada neste trabalho foi a pesquisa bibliográfica. De acordo com Gil (2008) a pesquisa bibliográfica ocorre através da análise de material que já se encontra produzido. Assim, a utilização da pesquisa bibliográfica é fundamental para o conhecimento do que a literatura apresenta sobre o fenômeno.

Também foi utilizada neste trabalho uma pesquisa de campo de cunho qualitativo que possibilitou a produção desse estudo de caso. Minayo (2009) acrescenta que a pesquisa qualitativa é a atividade científica que tem por interesse a compreensão de determinado grupo social, e que não se encontra preocupada apenas com as variáveis numéricas.

O estudo de caso possibilita a avaliação de um fenômeno em suas particularidades, com aspectos específicos de um grupo. Desse modo, Vergara (1998) demarca que o estudo de caso:

“Pode ser circunscrito a uma ou poucas unidades, entendidas essas como uma pessoa, uma família, um produto, uma empresa, um órgão público, uma comunidade ou mesmo um país. Tem caráter de profundidade e detalhamento. Pode ou não ser realizado no campo.”  
(VERGARA, 1998, p. 47)

Nestas condições, a pesquisa se desenvolveria e conduziria a conclusões mais autênticas com a utilização das ferramentas metodológicas selecionadas, uma vez que o mundo da pesquisa está restrito a um determinado grupo. Marconi e Lakatos (2011, p. 274) ponderam que o “estudo de caso se refere ao levantamento com mais profundidade de determinado caso ou grupo humano sob

todos os seus aspectos”. O grupo investigado constitui-se de sujeitos do Ensino Médio, de primeiro, segundo e terceiro ano, jovens (mulheres e homens) moradores de zona rural, de cores diferentes e pobres, que estão matriculados e frequentam a escola de Ensino Médio Pe. Rodolfo Ferreira d Cunha, localizada no distrito de Canaan, no município de Trairi no Estado do Ceará. A princípio, nos apresentamos e deixamos a vontade os alunos para que pudessem se apresentar, em seguida conversamos e dissemos que iríamos passar um Curta Metragem na qual após assistido iríamos debater sobre as cenas do mesmo e debater a partir do que cada um achou sobre o enredo, a história do Curta.

Para aprofundar-se no fenômeno estudado, foram realizadas entrevistas focalizadas, posteriores a exibição do curta metragem onde se aborda as temáticas de sexualidade e identidade sexual homossexual, os sujeitos foram tratados com o devido espaço para se posicionarem diante do que foi exibido, bem como assuntos que acharam convenientes de abordagem. Gil (2008) estabelece que a entrevista focalizada penetra num tema bastante específico com o intento de navegar a fundo “alguma experiência vivida em condições precisas.”. Assim, a entrevista focalizada é uma ferramenta fundamental de coleta de dados, pois além da permissão da exibição de filmes como uma ferramenta para a coleta de dados, ela também possibilita tratar de assuntos específicos, mas que não haja “fuga” de tema para outros tipos de temáticas que possam surgir quando do diálogo com os entrevistados, fazendo com que estes não saiam do assunto estabelecido.

O grupo entrevistado coletivamente constitui-se de 10 alunos selecionados aleatoriamente de uma determinada escola de zona rural, com a gravação do áudio das conversas. No momento da conversação, os pesquisadores respeitaram ao máximo o registro dos discursos proferidos pelos entrevistados, organizando os dados de acordo com o objetivo da pesquisa.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Os alunos com os quais realizamos esta pesquisa pertencem a um contexto social bastante específico: estudam numa escola pública da zona rural e são pobres, e em maioria negra. Nenhum se identifica como homossexual. Porém todos relataram experiências de preconceito, inclusive homofobia, o que pode ser identificado em suas falas. A partir da entrevista focal realizada, pudemos organizar as informações coletadas em três tópicos que serão discutidos a seguir:

**Preconceito** – Os alunos, após assistirem ao Curta Metragem foram estimulados a dialogar sobre suas impressões, apresentando experiências que haviam lhes marcado e que consideravam de importância na discussão. O primeiro assunto que se tornou comum entre os estudantes foi o

Preconceito. Ocorreu o reconhecimento de que existem vários tipos de preconceito e de que o Curta assistido apresentava elementos para pensar a soma de dois preconceitos: o preconceito em relação aos cegos e em relação à identidade gay; além disso, colocaram questões de gênero, de classe social, de cor e deficiências físicas fazendo reflexões sobre como o preconceito se origina na sociedade;

Eles atribuíram à origem do Preconceito não somente a escola, embora reconheçam este espaço como de produção e reafirmação de preconceitos, apontam que outras relações sociais, como os familiares e as de ordem religiosa, possuem influência significativa para a construção do preconceito contra as pessoas homossexuais. Prado e Machado (2012) e Borrillo (2010) discutem em seus textos, respectivamente, que o Preconceito organiza hierarquias sociais, nas quais as pessoas que não estão conformadas ao ideal “normal” são inferiorizadas e despossuídas de um lugar legítimo na sociedade. Isso ocorre através de processos complexos em que a diferença, transformada em desigualdade concorre para a manutenção da lógica de inferiorização dos indivíduos. Nesta discussão, homofobia é um tipo particular de preconceito social que determina um lugar inferior para os LGBTs, porém que se estende também aos não homossexuais, principalmente quando estes não estão conformados às normas de gênero e sexualidade

Durante as conversações, percebemos que os alunos já possuem uma compreensão do problema sobre o qual o Curta trata – a descoberta da identidade sexual diferente da presumida, a homossexual. A sociedade heteronormativa prescreve a heterossexualidade como “natural”, portanto é a esperada para qualquer indivíduo. No entanto, Guacira Lopes Louro (2005) questiona esta compreensão dizendo que embora seja considerada “natural”, a heterossexualidade “é alvo da mais meticulosa, continuada e intensa vigilância, bem como do mais diligente investimento (p. 11)”. Assim, reconhecemos que a sexualidade é produzida, tanto a heterossexual como a homossexual, e ganham sentido socialmente – os alunos nos falaram sobre os sentidos negativos que homossexualidade possui para seus pais ou para colegas de escola.

Eles resgatam na entrevista momentos formativos dentro da escola para a questão, ou seja, já estão debatendo preconceito e relações de gênero na cotidianidade escolar. Suas reações ao assistirem e comentarem o Curta concentram-se em dizer não ao preconceito – e isso é particular de seu contexto que possui momentos formativos no qual são trabalhados assuntos relativos ao preconceito. Isto na escola pública de zona rural é particularmente interessante, pois não temos dados de quantas e quais escolas públicas rurais proporcionam formações dentro da escola para combate de preconceitos.

**Bullying** – Questionados sobre o Bullying, pois os alunos generalizavam o termo Preconceito e nosso interesse era focar a violência social contra os homossexuais, estes apresentaram uma compreensão específica relacionando o preconceito contra os homossexuais à Homofobia; Disse um aluno sobre suas experiências de Bullying escolar: *“Homofobia já também”* (Aluno C).

Os alunos compreendem que em algum momento o personagem Leonardo sofreu bullying, e que isto pode ser algo negativo; também nomeiam a homofobia como forma de preconceito contra homossexuais, evidenciando outra vez formações anteriores; O relatório da ONU (2013) demarca que a homofobia é um problema global e que precisa ser combatido por políticas públicas em todos os níveis da organização do Estado, certamente que esta política formativa da escola possui um caráter positivo para a vida destes alunos.

Quando questionados sobre como eles respondem ao preconceito, apresentam várias estratégias, afirmando que resistindo principalmente. Responde um deles: *“Além de passar preconceito por ser gay, ainda passa pra quem anda, eu também lá me importo não, se me chamar me chame”* (Aluno C). Essa fala recupera que as pessoas não gays também são afetadas pela violência homofóbica, pois a homofobia, segundo Junqueira (2012) como guardiã das normas de gênero e do lugar social inferiorizados dos homossexuais, atua produzindo efeitos sobre todos. Borrillo (2010. p, 26) ainda acrescenta “a homofobia mostra hostilidade não só contra os homossexuais, mas igualmente contra o conjunto de indivíduos considerados como não conformes à norma sexual. “

Outro modo de lidarem com o preconceito é o enfrentamento. Encontramos o seguinte fragmento do diálogo de uma aluna *“Geralmente a gente chama pra tirar satisfação né”* (Aluna B). Esse movimento questiona o lugar marcadamente precário atribuído pelo preconceito, bem como as razões disto, pois, a aluna ainda diz que sua atitude questionadora também acontece na família, e isto é importante para a criação de seu filho, principalmente no que toca as relações de poder que constroem gêneros.

Trouxemos para a discussão uma questão que faz parte do Curta, porém de forma periférica: as diferenças entre as escolas do Personagem Gabriel, Leonardo e Geovana (de classe média) e destes alunos (pública e rural) e como isso pode influenciar no preconceito. Uma aluna fala que a Educação nestes dois espaços ocorre de forma diferenciada, interpretando que nas cenas do Curta não aparecem tantas situações de Preconceito quanto no cotidiano de sua escola (pública). A aluna diz que na escola particular os alunos são educados desde crianças *“para não ter*

*preconceito*” (Aluna E), enquanto que na pública o preconceito vem dos pais. Este argumento é reducionista, pois se acreditamos que a família é uma instituição com participação nos processos sociais de construção do Preconceito, também na escola de classe média, embora não retratado profundamente no Curta, experiências de bullying são possíveis de ocorrer, pois o aporte da escola é fundamental na normalização dos sujeitos a determinados padrões de gênero e sexualidade (JUNQUEIRA, 2011). O bullying homofóbico gera cicatrizes, cicatrizes estas que ficam registradas a vida toda na pele de sujeitos que escapam das normas, e que muitas das vezes evadem do ambiente escolar, sem que a escola tome medidas cabíveis e que sejam capazes de identificar o preconceito como uma ligação ao bullying homofóbico.

De acordo com o estudante: *“Porque hoje em dia todo gênero, toda sexualidade, todo mundo tem preconceito, em escola [...] porque o pessoal não respeita e nem aceita”* (Aluno C), assim percebemos que a experiência de preconceito acompanha a trajetória de todos os que estão disformes a lógica heteronormativa, como devidamente ajustado à heteronormatividade (SEDWICK, 2007).

**A prática cotidiana na escola** – Em dado momento, estimulados por uma cena do Curta Metragem em que o professor separava os alunos em grupos separados, os meninos com determinada atividade de pesquisa e meninas com outra atividade de pesquisa, perguntamos aos alunos como ocorriam as tarefas naquela escola, isto é, se os professores separavam meninos das meninas.

A aluna respondeu: *“Não, geralmente na nossa sala é a gente que escolhe com quem a gente quer ficar”* (Aluna E). Isto demonstra uma maior flexibilidade nos processos de separações de Gênero na escola, produzindo diferenças na construção do gênero dentro do espaço escolar; Ora se a prática cotidiana do professor libera os alunos para a organização autônoma, a sociabilidade destes se dá de acordo com as alianças e relações de pertencimento que constroem entre si e não pelas imposições do mestre. Alianças que podem se dá por objetivos múltiplos, por diferentes pertencimentos e que tendem a se gerar no conflito e na ruptura (BULTER, 2001).

Todos, de forma unânime, concordaram com a Aluna E, pois também passavam pela mesma situação no ambiente de sala de aula. Uma prática pedagógica que possibilita as relações de gênero e a partir dela a junção de diversidades, de personagens únicos, é oportunizar um diálogo em que os sujeitos possam compreender um ao outro, viabilizando uma interatividade de equidade na busca de igualdade de gênero mais equânime.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há situações que pertencem especificamente ao domínio dos indivíduos pesquisados, estes já possuíam discussões formativas sobre Preconceito e sobre diversidade sexual antes de assistirem ao Curta Metragem “Hoje Não Quero Voltar Sozinho”, por isso as respostas que os alunos apresentaram ao diálogo sobre o Curta evidenciaram, não ao acaso, suas experiências com o tema.

Essa política formativa na escola é indispensável para propor uma educação que realmente consiga englobar a todos, abordando a diferença como algo positivo e fundamental a ser valorizada (JUNQUEIRA, 2012), sendo, portanto mais libertadora e reflexiva (FREIRE, 1991). Quando esta diferença é sexual ou de gênero, observamos que a é transformação dela em desigualdade que cimanta hierarquias de opressão na escola (PRADO; MACHADO, 2012).

É necessário que cada vez mais o espaço escolar, como uma instituição formativa, possa acolher temáticas como essa, e facilitar por meio de amostra visual, roda de conversas, palestras e entre outros, discussões de gênero e sexualidade. Neste sentido é mister compreender que a escola é um espaço social que se constrói como um não lugar para a diversidade. Isso nos coloca diante da responsabilidade de construir políticas de respeito e equidade, a fim de construir uma educação pública que consiga gerar sentido na vida de todos.

O cinema constitui-se numa ferramenta indispensável para refletir sobre as problemáticas do cotidiano, sobretudo quando o atual contexto é atravessado pelo conservadorismo e pelo retrocesso nas políticas públicas para a educação. Projetos de Lei como Escola Sem Partido, que assumem a proposta de cessar o debate sobre questões sociais mais amplas põe em questão o direito de grupos historicamente diminuídos – Mulheres, Negros, LGBTT, Indígenas, Quilombolas, Pobres – reivindicarem suas pautas dentro da Educação pública. O cinema, enquanto ferramenta pedagógica pode ser utilizado para mobilizar o pensamento dos alunos e professores para estas discussões, contribuindo com o desenvolvimento do pensamento crítico e da prática reflexiva (FREIRE, 1991).

## REFERÊNCIAS

BORRILLO, Daniel. **Homofobia**: história e crítica de um preconceito. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

BUTLER, J. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 110-125.

EU NÃO QUERO VOLTAR SOZINHO. Direção e Produção: Daniel Ribeiro. Brasil: 2010. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=1Wav5KjBHbl>>. Acesso maio 2017.

FREIRE, P. **Educação na cidade**. São Paulo: Cortez, 1991.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

JUNQUEIRA, R. D. **Políticas de Educação para a Diversidade Sexual**: escola como lugar de direitos. In: Diniz, D.; LIONÇO, T. (org) **HOMOFOBIA E EDUCAÇÃO. UM DESAFIO AO SILÊNCIO**. BRASÍLIA, LETRAS LIVRES; Editora da UNB, 2009.

JUNQUEIRA, R. D. Heterossexismo e vigilância de gênero no cotidiano escolar: a Pedagogia do Armário. In: SILVA, Fabiane Ferreira da (Org.). **Corpos, gêneros, sexualidades e relações étnico-raciais na educação**. Uruguaiana: Unipampa, 2011.

JUNQUEIRA, R.D. Pedagogia do armário e currículo em ação: heteronormatividade, heterossexismo e homofobia no cotidiano escolar. In: MILSKOLCI, R. (org.). **Discursos fora da Ordem**: deslocamentos, reinvenções e direitos. São Paulo: Annablume, 2012.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LOURO, G. L. Pedagogias da Sexualidade. In LOURO, G, L (org.) **O Corpo Educado**: Pedagogias da Sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 9-34.

MARCONI, M. de A; LAKATOS, E. M. **Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

MINAYO, M. C. de S. (org.). **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

PRADO, M. A. **Preconceito contra homossexualidades**: a hierarquia da invisibilidade. 2. Ed- São Paulo: Cortez, 2012. (Coleção Preconceitos. v. 5).

PROJETO DE EXTENSÃO CINE ITINERANTE – LEITURA DE MUNDO POR MEIO DO CINEMA. Itapipoca: LUTEMOS/FACEDI/UECE, 2010. mimeo.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas / Rogério Diniz Junqueira (organizador). – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UENESCO, 2009. ISBN 978-85-60731-34-3.

SEDGWICK, E. K. A epistemologia do armário. **Cadernos Pagu**. Campinas, n. 28, p. 19-54, jan./jun. 2007.

VERGARA, S. C. **Projetos e Relatórios de pesquisa em administração**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1998.